

Movimento de mulheres e feminismo em tempos de ditadura militar (1964-1989) e a sua relação com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Women's movement and feminism in times of military dictatorship (1964-1989) and its relationship with the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil

Por Claudete Beise Ulrich

Doutora em Teologia (Escola Superior de Teologia)
Pós-Doutoranda em História (UFSC)
Bolsista do CNPq
caclaul@netuno.com.br

Resumo:

Em maio de 2005, celebrou-se 35 anos de formação teológica de mulheres na Escola Superior de Teologia (São Leopoldo, RS) e 15 anos da cátedra de Teologia Feminista nesta instituição ligada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, marcando a abertura do 10º Encontro Estadual de Teologia Feminista. Lori Altmann, uma das primeiras teólogas a se formar na Escola Superior de Teologia, ligada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) deu um testemunho do seu tempo de estudante, meados da década de 1970, em pleno período da ditadura militar. O testemunho de Lori aponta para uma transformação no processo reflexivo, incluindo feminismo, educação teológica, ministério feminino, relações de gênero, teologia feminista, ecumenismo, gestado, especialmente, pelas estudantes mulheres, naquele período histórico.

Palavras-chave:

Educação teológica. Teologia feminista.
Ecumenismo.

Abstract:

In May of 2005, the Escola Superior de Teologia (São Leopoldo, RS) celebrated 35 years of theological education of woman and 15 years of the chair of Feminist Theology in that institution connected with the Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil [The Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil], marking the opening of the 10th State Encounter of Feminist Theology. Lori Altmann, one of the first women theologians to graduate from the Escola Superior de Teologia, also connected to the Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), gave a testimony of her time as a student during the decade of the 70's during the height of the military dictatorship. Lori's witness points to a transformation in the reflective process, including feminism, theological education, feminine ministry, gender relations, feminist theology, ecumenism, brought about especially by the women students in that historical period.

Keywords:

Theological education. Feminist theology.
Ecumenism

Introdução

Esta comunicação é parte de meu projeto de pesquisa de Pós-Doutorado Junior, apoiada pelo CNPq. Está sendo realizada junto à Universidade Federal de Santa Catarina sob o tema: “Movimento de mulheres e feminismos em tempos de ditadura militar (1964-1989) e a relação com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)”, tendo como supervisora a Prof^a. Dr^a. Joana Maria Pedro. Minha pesquisa se insere dentro de uma pesquisa maior intitulada “Movimento de mulheres e feminismos em tempos de ditadura militar no Cone Sul (1964-1989)”, sob a coordenação da Prof^a Dr^a Joana Maria Pedro, do Departamento de História, que também conta com o apoio do CNPq. A apresentação desta comunicação, portanto, faz parte de um projeto de pesquisa coletivo, inacabado, em construção.

Com a palavra: Lori

Em maio de 2005, celebrou-se 35 anos de formação teológica de mulheres na Escola Superior de Teologia (São Leopoldo, RS) e 15 anos da cátedra de Teologia Feminista nesta instituição ligada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, marcando a abertura do 10º Encontro Estadual de Teologia Feminista (realizado nos dias 20 a 22 de maio de 2005). O evento contou com 57 pessoas inscritas – mulheres e homens – vindas de várias partes do Rio Grande do Sul, para estudo e reflexão em torno do tema “Imagens de Deus e Relações de Gênero”. Lori Altmann (luterana) uma das primeiras teólogas a se formar na Escola Superior de Teologia (EST) ligada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) deu um testemunho do seu tempo de estudante, meados da década de 1970, em pleno período da ditadura militar. Ela lembrou que as dificuldades eram muitas naquela época, não só para as mulheres permanecerem na educação teológica, mas também para exercerem plenamente o ministério.

As desigualdades nas relações de gênero não eram lembradas e quando uma das mulheres se arriscava a levantar esta temática, dizia-se que não era prioridade. Que poderia dividir a luta. Que depois do povo chegar ao poder isso seria discutido e resolvido [...] “Na Teologia” – testemunha – “esse assunto também não era tematizado, pois, afinal, não tínhamos problemas! Mulheres podiam estudar Teologia e até serem ordenadas”.

[...] mencionou a caminhada ecumênica, que incluiu encontros de estudantes de Teologia e de pastoras da Igreja Metodista e, mais tarde, com as episcopais e também com teólogas católicas. Surgiram igualmente os encontros de estudantes com pastoras da IECLB, e a seguir também com as catequistas. “Percebíamos que a luta por justiça, dignidade e igualdade de direitos deveria começar conosco mesmas” [...]. “Algumas de nós ainda tínhamos medo das palavras. Não falávamos em Teologia Feminista, mas em Teologia na ótica ou na perspectiva da mulher”.

Mas, mesmo assim, prossegue, as estudantes e teólogas da IECLB caminhavam ecumênica e solidariamente, buscavam uma nova hermenêutica (interpretação) bíblica, que fosse mais inclusiva, não só em relação às mulheres, mas em relação a todas as pessoas, a todos os grupos minoritários e excluídos. “Em nossa Igreja, buscávamos um ministério pastoral mais diversificado e mais participativo. Rejeitávamos o sistema unitário e centralizador chamado: ‘Ein-Man-System’ (sistema de um homem só). Na hermenêutica ensaiávamos uma imagem de Deus menos masculina, mais plural e mais multifacetada” [...].¹

No testemunho de Lori, estudante de teologia no tempo da ditadura militar, percebe-se a gestação de uma reflexão e de uma ação que inclui feminismo, educação teológica, ministério feminino, relações de gênero e ecumenismo. O estudo da teologia e o ministério pastoral feminino, atuação de homens e mulheres na IECLB, não ficaram isentos das influências do movimento feminista. Quando Lori afirma que “as desigualdades nas relações de gênero não eram tematizadas, que o mesmo não era prioridade”, ela

¹ KOCH, Ingelore S. **EST celebra 35 anos de formação de teologia**. Disponível em: <<http://www.ieclb.org.br/noticia.php?id=7605>>. Acesso em: 22.04.2007. p. 1.

lembra que um dos nortes da Teologia da Libertação era a “opção pelos pobres”,² sem definir quem eram os pobres. Da mesma forma, enfatizava-se, nos movimentos da esquerda revolucionária, a luta geral, sem dar ênfase à luta específica, por exemplo, da mulher.

Suspeitamos, no entanto, que Lori, em seu testemunho, esteja chamando atenção para a necessidade de discussão e reflexão das questões relacionadas ao gênero, na teologia e na igreja, que ultrapassam a categoria “pobres” e a ênfase na luta geral. Entendemos gênero, a partir da compreensão defendida por Scott,³ como construção social, cultural e histórica, sempre relacional, definindo hierarquias, estratégias de poder, territórios e comportamentos para homens e mulheres.⁴ Falar em gênero é pensar não em homens e em mulheres biologicamente diferenciados, mas em masculino e em feminino, constituídos a partir das relações sociais fundadas nas diferenças entre os sexos, diferenças construídas historicamente e hierarquicamente determinadas. De acordo com Louro, “as diferentes instâncias, práticas, ou espaços sociais são ‘generificados’ – produzem-se ou ‘engendram-se, a partir das relações de gênero (mas não apenas a partir dessas relações, e sim, também das relações de classe, étnicas, etc.)”.⁵

Percebemos que as discussões em relação ao gênero começaram a ser levantadas e discutidas pelas estudantes mulheres que começaram a ingressar, nesta época, em maior número na Faculdade de Teologia. As estudantes começaram a se reunir para discutir assuntos em relação ao estudo da teologia e ao ministério feminino, no “grupo das mulheres” (década de 1980), na própria Faculdade de Teologia. O primeiro encontro de

pastoras da IECLB e estudantes de teologia aconteceu em 1983 na Faculdade de Teologia em São Leopoldo. Eram encontros que visavam à conscientização⁶ das questões referentes às mulheres, ministério feminino e relações de gênero na Igreja, através da troca de experiências, reflexão bíblica, dinâmicas para falarem de si mesmas. O termo conscientização na América Latina remete, especialmente, ao pedagogo Paulo Freire e define um processo de desenvolvimento através de um crítico conhecer e aprender de si mesmo e de seu contexto. A autora Pedro chama a atenção para o fato de que

Os grupos de consciência foram desenvolvidas dentro do que se chamou, nos Estados Unidos, de ‘feminismo radical’. Surgiram, na época, muitas críticas a estes grupos. Eram considerados inócuos. Dizia-se que a autoconsciência organizava muitas mulheres, mas que estas eram organizadas ‘para nada’. Assim que criticavam, defendiam um ativismo que se configurava em manifestações e marchas de mulheres, queima de sutiãs, criação de centros de ajuda, cuidados com a saúde. Além de outras que entendiam que a transformação somente seria concreta com mudanças legislativas.⁷

A formação de grupos de conscientização se realizou também no Brasil, em âmbito eclesial, mesmo que de forma diferente. Podemos perceber isso no testemunho de Lori: “Percebíamos que a luta por justiça, dignidade e igualdade de direitos deveria começar conosco mesmas”. Percebe-se também em sua declaração a importância do encontrar-se com outras mulheres obreiras de outras igrejas cristãs (relações ecumênicas) (primeiro com metodistas, episcopais e também com teólogas católicas). Os encontros das mulheres pastoras, estudantes de teologia, trouxe para a Igreja uma discussão aberta e ecumênica sobre a

² BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 45.

³ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990. p. 14.

⁴ SCOTT, 1990, p. 14.

⁵ LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito do gênero. In: LOPES, M.; MEYER, D.; WALDOW, V. (Orgs.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.16-17.

⁶ FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**, 16. ed. São Paulo : Sal e Terra, 1979. p. 66.

⁷ PEDRO, Joana Maria. **Movimento de mulheres e feminismos em tempos de ditadura militar no Cone Sul (1964-1989)**: projeto de pesquisa. (março de 2007 a fevereiro de 2010, aprovado pelo CNPQ). Universidade Federal de Santa Catarina. p. 4-5.

importância do papel das mulheres na Igreja, na família, na sociedade e nas relações de trabalho.

A participação das estudantes teólogas e das pastoras nesses encontros seja com seus pares ou numa dimensão ecumênica mostrou para muitas que aquilo que se acreditava ser um problema individual era coletivo (também presente em outras igrejas), permitindo, assim, criar uma solidariedade ecumênica entre as mulheres. Em 1987, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) lançou a Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres. Com isso já ficava claro que o movimento ecumênico estava sensibilizado e consciente da importância da ação das mulheres no seio das comunidades. No entanto, foi a ONU, não a igreja, quem deflagrou a Década das Mulheres. Em 1975 a ONU instaura o Ano Internacional da Mulher e a Década da Mulher (1975-1985). É a sociedade civil que sensibilizou a Igreja. De acordo com Margarida Ribeiro, em âmbito internacional, o Conselho Mundial de Igrejas (CMI):

Em 1981, o CMI reconhece que “as mulheres são mais da metade das igrejas-membro e metade da família humana”. Em 1985 o comitê central do CMI orienta as igrejas-membro a acabarem com a discriminação da mulher e que eduquem para a não discriminação. Neste ano a “Década” promovida pela ONU acaba. Em 1987 o CMI faz uma avaliação da “Década” da ONU e institui a “Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com as Mulheres”, que teve início em 1988. Em 1999 as mulheres brasileiras decidiram renovar o desafio com a criação da “Nova Década... os desafios continuam (...) é necessário que homens e mulheres arregacem as mangas e trabalhem na superação da injustiça, opressão, violência, miséria, fome, corrupção, exclusão...”⁸

O Ano Internacional da Mulher e a Década da mulher instituída pelo CMI (12 anos depois do Ano Internacional da Mulher, decretado pela ONU), tiveram suas influências no âmbito da Igreja

Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, especialmente, na Faculdade de Teologia, em São Leopoldo (RS). De acordo com Deifelt,

De 1985 a 1990, esse grupo composto por homens e mulheres, organizou semanas acadêmicas e seminários voltados às questões de gênero, convidando teólogas do Brasil e de outros países da América Latina como professoras visitantes. Entre elas estava também Ivone Gebara. Durante 1989 e 1990, o processo culminou na criação de uma cadeira, com a seguinte descrição: tornar as mulheres mais visíveis no currículo teológico, ensinar a pesquisar sobre os avanços da teologia feminista (como estava sendo elaborada em outras partes do mundo), ajudar na conscientização dos estudantes sobre a realidade das mulheres nas comunidades (considerando que a maior parte da membresia das igrejas é feminina) e manter um vínculo com os movimentos de mulheres, tanto seculares como eclesiais.⁹

A nomenclatura Teologia Feminista foi adotada somente em 1991, como resultado de todo um processo de profunda ação/atuação/reflexão, ao qual Lori se refere em seu testemunho. Mesmo que esta nomenclatura tenha sido recebida com um certo receio. De acordo com Deifelt, “Já a nomenclatura Teologia Feminista, apesar de ser recebida com algum receio por sua suposta radicalidade, representava justamente a sintonia com o movimento que buscava a equiparação de direitos entre mulheres e homens e o ensaio de novas relações sociais. [...] A teologia feminista não fala somente de mulheres, mas fala justamente a partir das relações de gênero [...]”¹⁰

Teologia Feminista

Os encontros entre estudantes de teologia, pastoras, a nível confessional e ecumênico já eram teoricamente embasados numa teologia e

⁸ RIBEIRO, apud GOMES, Zuleine Dias. **Juventude e ecumenismo: sexualidade e mulheres**. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&co d=22700>>. Acesso em: 20.04.2007.

⁹ DEIFELT, Wanda. Educação teológica para mulheres: um passo decisivo rumo à cidadania eclesial. In: SOTER (Org.). **Gênero e teologia: interpretações e perspectivas**. São Paulo: Paulinas/Loyola; Belo Horizonte: Soter, 2004a. p. 279.

¹⁰ DEIFELT, 2004a, p. 279-282:

hermenêutica feminista, tendo como ponto de partida a experiência de opressão e libertação das mulheres. De acordo com Deifelt,

A teologia feminista surgiu como reação às correntes teológicas existentes no século XX (teologia do processo, teologia da esperança, teologia negra e teologia da libertação), apontando que estas dão uma contribuição importante – visibilizam os pobres, oprimidos, negros e marginalizados -, mas nem sempre tomam em consideração as mulheres. Assim a teologia feminista surge como um passo metodológico importante, afirmando que a experiência das mulheres – incluindo também as suas experiências de fé – é o ponto de partida da reflexão teológica. A partir desse olhar novas conexões são possíveis se a experiência humana é analisada a partir das marcas deixadas em nossos corpos e mentes pelo sexismo, pelo classismo, pelo racismo, pelo militarismo ou pelo sectarismo religioso. A superação desses condicionamentos é que permite forjar uma nova realidade.¹¹

A teologia e hermenêutica feminista nasceram a partir do movimento feminista, trazendo um impacto para ação/reflexão de mulheres e homens na Igreja. A experiência cotidiana de vida é o ponto de partida para a reflexão tanto para a Teologia da Libertação Latino-Americana como para a Teologia Feminista. A experiência das mulheres pobres latino-americanas, no entanto, coloca-se como uma reflexão crítica em relação ao conceito de pobre dentro da Teologia da Libertação e do sujeito feminino universal na Teologia Feminista. A teologia da libertação foi, sem dúvida, um marco importante para a reflexão e ação de cristãos no Brasil e na América Latina, pois visibilizou os pobres do continente. Tratou do pobre, num primeiro momento de forma homogênea, colocando, a partir do referencial marxista, que a luta de classes é o motor da história.

É necessário falar da teologia feminista no plural. Portanto, as teologias feministas latino-americanas têm procurado dar visibilidade, tirando

do silêncio a experiência das mulheres, especialmente, a mulher pobre, oprimida por pertencer à determinada classe, quando negra, oprimida ainda por mais sua raça/etnia. A teologia feminista não se coloca apenas no nível da denúncia, mas ela é, essencialmente, propositiva. De acordo com Deifelt, ao empregar o termo feminista (isto a partir de 1993), “as teólogas assumiram gênero como categoria de análise (assim como já haviam utilizado classe e raça/etnia), dentro de um princípio metodológico de desconstrução e reconstrução”.¹² Em outras palavras, segundo a autora, “perguntavam em que medida a existência humana ainda podia ser entendida sem fazer referência aos condicionamentos sociais, políticos, culturais e religiosos que determinam o modo como homens e mulheres devem viver, impedindo a dignidade humana”.¹³

Influências na ação/atuação/reflexão da IECLB

É possível perceber uma grande efervescência na perspectiva de uma reflexão teológica feminista no período que estamos estudando, a partir também da reflexão da pedagogia e da teologia da libertação, levando para um engajamento social e político no contexto cotidiano da vida comunitária. O biblista luterano Milton Schwantes, em uma entrevista para a teóloga metodista Elza Tamez, falando sobre o trabalho pastoral ressaltou:

As pastoras e os pastores mais jovens que têm uma perspectiva de educação popular estão começando a desenvolver um trabalho mais conscientizador, isto é, um trabalho onde se está criando gradualmente um espaço para a mulher fora da comunidade, dentro das lutas do movimento popular pela terra, pelo transporte.¹⁴

¹¹ DEIFELT, Wanda. Temas e metodologias da teologia feminista. In: SOTER (Org.). **Gênero e teologia: interpretações e perspectivas**. São Paulo: Paulinas/Loyola; Belo Horizonte: Soter, 2004b. p. 174.

¹² DEIFELT, 2004b, p. 172.

¹³ DEIFELT, 2004b, p. 172.

¹⁴ TAMEZ, Elsa et al. **Teólogos da libertação falam sobre a mulher**. São Paulo : Loyola, 1989. p. 100.

A perspectiva de uma educação popular, através do método de Paulo Freire, ver, julgar e agir, tiveram um grande impacto na reflexão e atuação de pessoas de confissão luterana, desenvolvendo um trabalho de conscientização. É o que também a pesquisadora Arlene Renk observou em sua pesquisa com mulheres no oeste de Santa Catarina:

Hoje, muitas mulheres, entendem que homem e mulher são a cabeça do casal. Um exemplo que chamar a atenção no início do trabalho de campo foi a alteração numa placa indicativa de atividades do CAPA [Centro de Apoio à Pequena Propriedade, programa da IECLB]. Originalmente constava “Família de Alfredo Muller?”. Interpretada como equívoco, a placa foi corrigida pela mulher com esmalte vermelho: “Família de Alfredo e Lori Müller” [...]. Se antes de 1988 as mulheres eram indiferentes a estas qualificações, com os direitos conquistados na nova Constituição, passaram a exigir a qualificação de agricultora.¹⁵

Portanto, através dos encontros nos grupos na Igreja, no Sindicato, no Centro de Apoio à Pequena Propriedade, criou-se uma conscientização inclusiva da importância das mulheres e dos homens na família e no trabalho. Além do processo de conscientização, também reivindicaram mudanças na legislação, onde as mulheres que trabalhavam na área rural, por exemplo, exigiram a qualificação de agricultoras, aposentadoria aos 55 anos, entre outras. Percebe-se um entrecruzamento entre a participação nos grupos de conscientização e a reivindicação de mudanças na legislação vigente.

Estas mudanças vieram a partir da saída da casa e a participação em grupos da Igreja, no sindicato, partido político, onde se manifesta, novamente, a importância das relações ecumênicas no trabalho com os movimentos populares. Segundo pesquisa de Renk, a agricultora Lori Muller “Reconhece que irmã Lorena (católica) e a

pastora Sílvia (luterana) deram-lhe o ‘empurrão’ para entrar e organizar o Movimento de Mulheres Agricultoras”.¹⁶

Nos feminismos que se desenvolveram entre os anos 1964 e 1985 no Brasil, constata-se a existência de diversos grupos de práticas de atuação, muitas vezes alvos de disputas sobre se seriam mais ou menos feministas. De um lado, aquelas que formavam grupos de consciência e de estudos, propondo uma mudança cultural que começaria pela própria “tomada de consciência” e, por outro, um engajamento duplo e ao mesmo tempo instrumental do movimento feminista, promovido pelas militantes que faziam dupla atividade: nos movimentos de mulheres e nos movimentos engajados na luta contra a ditadura militar, ou seja, no ativismo político. Havia, ainda, as lutas por mudanças na legislação, visando acabar com as diversas assimetrias, como é o caso do Movimento das Mulheres Agricultoras.

O período histórico que estamos investigando é marcado, na Europa e nos Estados Unidos, por significativas transformações nas relações de gênero. Fala-se em “revolução cultural”, de acordo com Hobsbawm,¹⁷ focalizando as questões do corpo e da sexualidade, que passaram a ser conhecidas como “Revolução Sexual” e pela Segunda Onda do Feminismo,¹⁸ reivindicando uma sociedade mais igualitária, onde se afirmava “que o pessoal é político” e “o corpo nos pertence”.

O Brasil, como outros países do Cone Sul, no entanto são marcados pela ditadura militar. No período 1960-1970, viveu-se uma grande efervescência política e social na América Latina, praticada por diferentes movimentos

¹⁵ RENK, Arlene. Mulheres camponesas: experiência de geração. In: MORGA, Antonio. **História das mulheres de Santa Catarina**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras contemporâneas, 2001. p. 228.

¹⁶ RENK, 2001, p. 234.

¹⁷ HOBBSAWM, Eric. A revolução cultural. In: HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX:1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 314-336.

¹⁸ PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o Debate: o uso da categoria de gênero na pesquisa histórica. **História**. São Paulo, v. 24, n. 1, 2005, p. 77-98. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a0v24n1.pdf>>. Acesso em: 29.06.2008.

revolucionários. Sonhava-se com uma nova sociedade mais justa e igualitária, onde as revoluções de Cuba, Vietnã e China serviam de inspiração. A ditadura militar no Brasil, no entanto, foi recebida com aplausos e com marchas por grupos conservadores, pois buscou-se eliminar o grande inimigo – a implantação do comunismo na América Latina.¹⁹ Combateu-se os movimentos da esquerda revolucionária, onde prisões e torturas foram práticas legitimadas pelo Estado Ditatorial, através da Doutrina de Segurança Nacional, com o objetivo de eliminar o inimigo interno.

A IECLB parece acordar para sua responsabilidade social e para a triste realidade de torturas e violações aos direitos humanos que ocorriam no Brasil, devido à ditadura militar, quando foi cancelada a realização da Assembléia da Federação Luterana Mundial em Porto Alegre-RS e sua transferência para Evian-França no dia 5 de junho de 1970, de acordo Schünemann.²⁰

A partir de 1976, a IECLB reflete sobre um tema específico em suas comunidades. Em 1981, chama atenção o tema: “Homem e mulher unidos na missão”, caracterizando a importância do homem e da mulher na missão da Igreja. Neste mesmo ano, saiu a publicação do livro “Mulher e Homem”, traduzido do alemão “Frau und Mann” (publicado no alemão em 1980) tendo como autoria Erhard S. Gerstenberger.; Wolfgang Schrage (alemães) refletindo uma perspectiva inclusiva na relação entre mulheres e homens no Antigo e Novo Testamento.²¹ “Parceria” aparece como uma palavra-chave, neste livro, para definir a relação entre mulheres e homens. Chama a atenção que o título do livro coloca, primeiramente, “Mulher” (Mulher e Homem) dando dignidade e igualdade para as mulheres a partir da reflexão bíblica do

Antigo e Novo Testamento. O livro trata, entre outros temas, da questão da sexualidade, procriação, corporalidade, comunhão corporal, matrimônio, adultério, divórcio, novo casamento e família a partir de uma perspectiva bíblica. Estes temas também apareceram na agenda do Movimento Feminista, chamado de “Segunda Onda”.²²

Em 1986, João Guilherme Biehl reflete sobre as “teologias negra e feminista – um diálogo crítico com a teologia da libertação latino-americana”, a partir da realidade norte-americana. De acordo com o autor,

[...] teólogas como Ruether, Fiorenza e Harrison criticam a teologia da libertação latina por seu determinismo econômico e por sua pouca sensibilidade em relação às experiências das mulheres e das minorias de seus países. As mulheres são geralmente informadas de que o processo de mudança social exige prioridades e estratégias. E a elas cabe, então, sempre esperar no final da fila por sua libertação.²³

As igrejas, com suas teologias e hermenêuticas, exercem significativas influências na reflexão, ação/atuação de suas/seus participantes. Percebemos, neste período histórico, influências feministas européias e norte-americanas no seio da IECLB, que ampliam o diálogo entre teologia luterana, teologia da libertação e teologia feminista, reconfigurando as relações de gênero.

Considerações Finais

Sonia Alvarez, em seu estudo sobre o feminismo dos anos 1990 na América Latina, propõe que o mesmo seja compreendido como um “campo discursivo de atuação/ação”²⁴ que foi reconfigurado a partir desta década. Tomar esta

¹⁹ COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p. 4.

²⁰ SCHÜNEMANN, Rolf. **Do gueto à participação: o surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975**. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 89.

²¹ GERSTENBERGER, Erhard S.; SCHRAGE, Wolfgang. **Mulher e homem**. São Leopoldo: Sinodal, 1981.

²² PEDRO, 2005, p. 77-98.

²³ BIEHL, João Guilherme. Teologias Negra e Feminista: um diálogo crítico com a teologia da libertação latino-americana. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 26, n. 1, 1986, p. 31.

²⁴ ALVAREZ, Sonia E. Feminismos latinoamericanos. **Estudos feministas**, v. 6, n. 2, 1998, p. 265.

idéia do feminismo como campo discursivo de ação/atuação pode ampliar significativamente a compreensão dos processos de transformação das relações de gênero ocorridos nas décadas que desejamos estudar. Segundo Pedro,

Neste sentido, as transformações nas sexualidades femininas e masculinas promovidas, entre outras coisas, pela chamada “Revolução Sexual” e pelos métodos contraceptivos mais eficazes, que permitiam, de forma efetiva, separar a sexualidade da procriação; a entrada maciça de mulheres no mercado de trabalho formal, em trabalhos urbanos mais bem remunerados, nas carreiras universitárias, nas organizações políticas, e em outros espaços públicos, teria interfaces com o movimento e o discurso feminista, embora muitas dessas mulheres, na época, e até hoje, afirmem que não são feministas.²⁵

Na IECLB, também existem muitas mulheres e homens que se dizem não-feministas. No entanto, é possível perceber em suas ações/attitudes, interfaces e conexões com as reivindicações do movimento feminista. Esta questão será aprofundada em outro momento. Acreditamos que o período da ditadura militar, apesar de todo sofrimento e dor que causou, foi um tempo fértil para a construção de profundas transformações nas relações de gênero, advindas dos movimentos de mulheres e do feminismo/dos feminismos. Lori deixou claro em seu testemunho que as pessoas participantes da IECLB não ficaram isentas destas transformações. No entanto, afirmamos a necessidade de uma maior discussão e reflexão sobre gênero e confessionalidade luterana. Ainda não vencemos a ditadura de gênero! Fica a pergunta: Como a IECLB, as igrejas em geral poderão contribuir no combate à ditadura de gênero?

²⁵ PEDRO, 2007, p. 8.